

Notas sobre um invulgar achado epigráfico no Castro de São Domingos (Cristelos, Lousada)



Falar-se-á neste texto sobre uma inscrição rupestre identificada, em 2022, numa das vertentes do Castro de São Domingos, em Cristelos. Por esta via, apresenta-se esta excecional novidade epigráfica e discute-se o seu sentido no contexto do povoado, bem como a sua relevância no quotidiano antigo, atendendo ao seu caráter imprecativo associado à marcação de propriedade. Por outro lado, a divulgação deste achado, reforça a importância científica do Castro de São Domingos no contexto da arqueologia regional e nacional, e a necessidade imperativa de salvaguarda dos valores científicos que encerra.

Texto e Fotografia

Armando Redentor
Docente e Investigador
Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras

Manuel Nunes
Arqueólogo

Paulo Lemos
Arqueólogo

Hugo Novais
Geólogo

O Castro de São Domingos constitui o maior e mais bem preservado povoado proto-histórico identificado ao longo da bacia do rio Mezio, no concelho de Lousada. O povoado encontra-se implantado num monte com ótimas condições naturais de defesa, reforçadas por, pelo menos, três ordens de muralhas e um fosso. Preserva importantes vestígios construtivos pré-romanos e de época romana, com ocupação comprovada a partir do século V a.C., abrangendo as fases IIA e IIB (do século VI a.C. à segunda metade do século III a.C.) e IIIA e IIIB (do século II a.C. à segunda metade do século I d.C.) propostas por A. C. F da Silva (1986) para o universo castrejo do Noroeste português (Sousa, 2022, p. 82). A conquista e integração territorial protagonizadas por Roma conduziram a um reordenamento espacial do povoado, o que levou ao abandono paulatino da coroa do monte em favor das plataformas da meia encosta, preferencialmente a sul e nascente (Pinto, 2008, p. 49). Foi no decurso deste processo, iniciado antes dos meados do século I d.C., que se terá verificado a implantação de uma área habitacional da época romana, a denominada “Casa Romana do Castro de São Domingos”, na encosta virada a sudeste, com cronologia ocupacional balizada entre os séculos I e III d.C. (Pinto, 2008, pp. 55-56), assente sobre estruturas habitacionais da Idade do Ferro abandonadas entre a segunda metade do século I a.C. e a primeira metade do século I d.C. (Lemos, 2019, pp. 46-49).¹

Em agosto de 2022, é detetada na encosta meridional do povoado fortificado de São Domingos uma inscrição rupestre da época romana lavrada sobre um afloramento de corneana (Redentor *et al.*, 2023, pp. 20-37; Redentor *et al.*, 2024, pp. 311-319). O afloramento, localizado a meia encosta, apresenta uma superfície plana e subvertical com orientação para sudeste, na qual se encontram gravadas três linhas de texto. Uma mensagem curta que se destaca pela sua simplicidade, conciliando uma identificação pessoal com uma imprecação, aspeto que o torna simultaneamente peculiar e interessante.

¹ A comprovar a larga diacronia da área da “Casa Romana”, reconheceram-se, ainda, 63 fossas de morfologia variável, escavadas no substrato geológico sob as estruturas da Idade do Ferro, sendo apontada uma cronologia do Bronze Final para parte delas (Nunes, *et al.*, 2011, pp. 72-77), bem como um conjunto de 26 sepulturas de inumação individual enquadráveis entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média, séculos V e VII (Lemos, Nunes e Magalhães, 2023, pp. 993-1008).

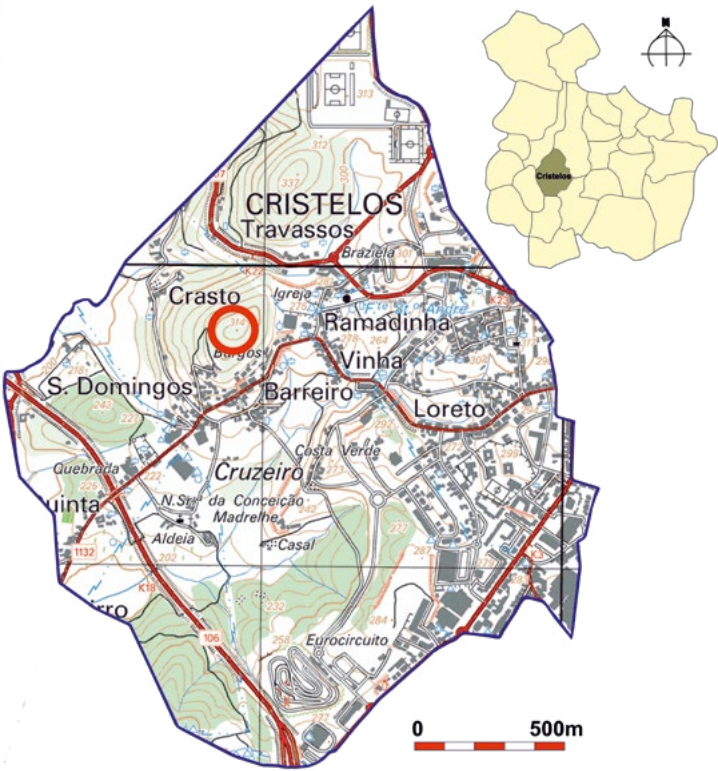


Figura 1 Localização do Castro de São Domingos na freguesia de Cristelos. CMP, IGE. Escala 1:25 000. Folha n.º 112.

P(ublii?) · AṼṼṼṼṼṼṼ ᄁ
IOṼḂ(m) · MĀX(imum)
IRATVM [HABEAS]?

**De Publius (?) Auitis.
Tenhas (?) Júpiter Máximo encolerizado!**

Não aparenta existir um trabalho de paginação cuidadosamente pensado e executado, adaptando-se as linhas de texto ao contorno da superfície lisa. Na sua gravação recorreu-se a letras capitais comuns, tendencialmente alongadas, apresentando sulcos relativamente largos e profundos, mas não em bisel, denunciando a utilização de um cinzel plano rombo ou mesmo de um bedame. De todo o modo, fica evidenciado o domínio da arte de gravação de inscrições (*tituli*), particu-

larmente pelo uso de letras ligadas (nexos) nas duas primeiras linhas e de diferente interpontuação. O primeiro registo desta, entre a abreviatura inicial e o antropónimo que se lhe segue, aproxima-se de uma folha trilobada e o do final da linha afigura-se uma folha de hera (*hedera distinguens*) muito estilizada, com pecíolo curvo e o limbo reduzido a traço que se lhe atravessa. Na linha intermédia, entre as duas abreviaturas, utilizou-se um ponto redondo. Ambas as abreviaturas incluem nexos correntes: VE na primeira, ligando-se as barras do E à haste do V, e MA, com inclusão de travessão entre as hastes da metade direita do M. Além disso, na sequência desta abreviatura recorre-se, ainda, a uma letra mais pequena, um X, alinhado pela parte superior da linha. O antropónimo completo da primeira linha, tanto quanto é possível apreciar por entre os danos aí ocorrentes, apresenta o nexo triplo VIT realizado com a aposição de uma barra abaixo da extremidade da haste direita do V. A letra final, na atualidade incompleta, seria mais pequena e posicionada acima da linha, como o X da linha intermédia. O desenho dos caracteres é relativamente irregular. Destacam-se os A relativamente estreitos e com travessão a alturas distintas, o P de pança contida e o R idêntico, mas com perna lançada a ela unida, os I reduzidos a sulcos tortuosos e o O tendencialmente circular. O V da derradeira linha é algo dissemelhante dos presentes nos nexos das anteriores,

havendo também notórias diferenças entre os M, tendo o que se encontra no final da última linha as hastes da metade direita mais elevadas.

O interesse intrínseco à inscrição relaciona-se com o seu entendimento, ao encontrar-se sobre superfície rupestre implantada a meia encosta de um povoado fortificado com ocupação pré-romana e que parece despovoar-se na fase seguinte, conforme documenta o povoamento claramente de época romana que se desenvolve na sua base a partir do século I d.C. Em face da identificação de um nome que poderá encontrar-se gravado no caso genitivo (utilizado na língua latina para indicar posse), estar-se-á plausivelmente perante uma marca de propriedade, com a particularidade de se associar a uma admoestação que invoca Júpiter, o pai dos deuses no panteão romano.

A identificação pessoal que a inscrição revela tem o seu primeiro elemento abreviado, *P.*, mas o segundo afigura-se completo na grafia *Auitis*. O facto de o primeiro elemento da estrutura onomástica surgir abreviado coloca naturalmente interrogação quanto à sua natureza, nomeadamente a de saber se *Auitis* corresponderá a um cognome ou a um patronímico e se a abreviatura apontará para um *nomen gentilicium* abreviado, compondo uma estrutura duonominial, ou para um idióónimo, de uma nomenclatura peregrina. A abreviatura tal

Figura 2 Vista geral do Monte de São Domingos onde subsiste o povoado da Idade do Ferro (perspetiva a partir de sul).



como aparece é característica do *praenomen Publius* e por esta razão adaptável ao gentílico com a mesma grafia, cuja expressão na *Hispania* se destaca relativamente a outras partes do Império, embora seja contida (Lőrincz, 2000, p. 170; Abascal Palazón, 1994, p. 206). Regionalmente está também demonstrado que a expressão abreviada de determinados antropônimos é mais comum acontecer com gentílios e cognomes das nomenclaturas duonominais do que das trinominais (Redentor, 2017, I, pp. 178-179), sendo muito menos expressiva entre as nomenclaturas peregrinas (Redentor, 2017, I, pp. 339-342), isto é, as da população livre sem cidadania romana. Assim, tendemos a validar a hipótese de o nome em causa corresponder a uma estrutura duonominal com gentílico e cognome, aspeto passível de induzir para uma datação não anterior aos meados do século II, o que não deixa de ser condizente com a paleografia, considerando a tendência alongada das letras e o desenho específico de algumas mais características, embora este não possa ser tido como critério absoluto (cf. Redentor, 2017, I, pp. 130-146).

A expressão que se segue a esta plausível afirmação de propriedade de um bem de raiz indissociável do local de implantação da inscrição é entendível como uma admoestação pre-

ventiva de eventual ato desrespeitoso ou violador do mesmo: *Ioue(m) Max(imum) iratum [habeas]*. A expressão completa, com forma verbal associada, surge epigraficamente documentada em outros (poucos) contextos, mas sempre com o intuito de salvaguarda de determinado espaço ou bem: em Pompeios (Itália), em *Aquincum* (junto a Budapeste, na Hungria) e na localidade francesa de Villards-d'Héria.

Não obstante, este exemplo de Lousada, bracaraugustano na Antiguidade, qualifica Júpiter de *Maximus*, um epíteto comum nas inscrições que lhe são dedicadas regionalmente, mas correntemente associado a *Optimus* (Redentor, 2017, I, pp. 550-564). A opção de não inclusão deste último qualificativo talvez tenha o propósito de ressaltar a grandeza do pai dos deuses e não necessariamente o seu aspeto de divindade favorável, pois é precisamente uma faceta colérica que importa realçar na natureza imprecavica do texto. É de notar que a cronologia avançada para a inscrição da encosta do Castro de São Domingos vai ao encontro do apogeu do culto de Júpiter no Ocidente brácario (Redentor, 2017, I, p. 564).

É desconhecida a organização espacial associada a essa encosta no setor em que se localiza a inscrição para qualquer período da diacronia ocupacional do povoado, pelo que não

nos será possível, por ora, conhecer qual a exata natureza do bem que aí estaria a ser resguardado. No entanto, dados que se prendem com a cartografia do índice de explorabilidade de corneana, elaborada a propósito do estudo de materiais pétreos empregues no núcleo habitacional romano na base do povoado, apontam uma área de elevado potencial extrativo existente na vertente sudoeste e base sudeste do



Figuras 3a e 3b Aspeto do afloramento onde se localiza a inscrição rupestre antes e após os trabalhos de limpeza.



Figura 4 Inscrição romana detetada no Monte de São Domingos, na área do povoado da Idade do Ferro.



Figura 5 Representação gráfica da inscrição detetada no Castro de São Domingos.

monte, que abraça a localização da inscrição, integrada num nível classificado como *aceitável* (Novais, *et al.*, 2014, p. 215). De facto, observam-se na encosta, inclusive junto à superfície epigrafada, marcas esparsas de exploração, que aproveitaram a família de fraturas aí existentes, pelo que não podemos deixar de avançar a hipótese de a inscrição estar aí a salvaguardar a propriedade de uma área passível de exploração daquele recurso pétreo.

Assim, não é de excluir uma relação de contemporaneidade entre estes desmontes mais antigos e a produção da epígrafe. Esta, como se explicou, parece corresponder a uma marca de propriedade associada a uma parcela que importaria manter salvaguardada de interesses ou atos alheios, pelo que se lhe associa uma advertência imprecavida.

Bibliografia

- Abascal Palazón, J. M. (1994). *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Murcia – Madrid: Universidad de Murcia – Universidad Complutense de Madrid.
- Lemos, P. A. P., Nunes, M. e Magalhães, B. M. (2023). A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal). In: J. M. Arnaud, C. Neves e A. Martins, 2020. *Arqueologia em Portugal: 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS20 e IA-FLUC. pp. 993-1008.
- Lemos, P., (2019). Escavação, estudo e musealização da “Casa Romana” do Castro de São Domingos”: resultados preliminares da 5.ª campanha. *Oppidum*, 11, pp. 38-76.
- Lörincz, B. (2000). *Onomasticon Prouinciarum Europae Latinarum, III: Labareus – Pythea*. Viena: Forschungsgesellschaft Wiener Stadtarchäologie.
- Novais, H., Lemos, P., Leite, J. e Nunes, M. (2014). As rochas da “Casa romana” (Cristelos – Lousada): variação cronológica da sua tipologia e origem. *Oppidum*, 7, pp. 211-216.
- Nunes, M., Lemos, P., Leite, J., Novais, H. e Oliveira, A. (2011). Estruturas negativas da “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Lousada): as fossas escavadas no saibro. *Oppidum*, 5, pp. 61-84.
- Pinto, J. M., (2008). Do castro de S. Domingos a Meinedo: proto-história e romanização na bacia superior do rio Sousa. *Oppidum*, número especial, pp. 45-63.
- Redentor, A. (2017). *A cultura epigráfica no conuentus Bracaraugustanus (pars occidentalis): percursos pela sociedade brácara da época romana*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2 vols.
- Redentor, A.; Lemos, P.; Novais, H. e Nunes, M. (2023). Uma invulgar inscrição rupestre romana na encosta meridional do Castro de São Domingos, Cristelos, Lousada. *Oppidum*, 15, pp. 20-37.
- Redentor, A.; Lemos, P.; Nunes, M. e Novais, H. (2024). Under The wrath of Jupiter: a rock inscription on the hillside of the São Domingos Hillfort (Lousada, North of Portugal). *Epigraphica*, 86, pp. 311-319.
- Silva, A. C. F., (1986). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins – Câmara Municipal de Paços de Ferreira.
- Sousa, L., (2022). Paisagem proto-histórica no concelho de Lousada. *Oppidum*, 14, pp. 48-87.